



Nem Sagrada, Nem Profana – Simplesmente Geni: Representações culturais no canto de Chique Buarque de Holanda

Marcelo Máximo Purificação¹; Elisângela Maura Catarino²; Fabiano Hector Lira Muller³; Ronne Clayton de Castro Gonçalves⁴; Maria Filomena Rodrigues Teixeira⁵; Claudia Denis Alves da Paz⁶

Resumo: A personagem Geni de Chique Buarque de Holanda, aparece como uma das figuras mais emblemáticas da música popular brasileira; vista e analisada por diversas áreas do conhecimento, Geni é alvo de várias verdades e conceitos. Este trabalho, não pretende desvendar quem é Geni, mas sim, suscitar diálogos e reflexões sobre as representatividades que essa figura nos traz, vistas a partir da letra da canção em liames com o aparato teórico dos Estudos Culturais (EC).

Palavras-chave: Estudos culturais; Representações; Poder; Discurso.

Nor Sacred, Nor Profan - Simply Geni: Cultural Representations on the music from Chique Buarque de Holanda

Abstract: The character Geni by Chique Buarque de Holanda, appears as one of the most emblematic figures of Brazilian popular music; seen and analyzed by several areas of knowledge, Geni is the target of several truths and concepts. This work does not intend to unveil who Geni is, but rather, to provoke dialogues and reflections on the representativeness that this figure brings us, seen from the lyrics of the song in links with the theoretical apparatus of **Cultural Studies (CS)**.

Keywords: Cultural studies; Representations; Power; Speech.

Introdução

Analisar as representações presentes em “Geni e o Zepelim” de Chico Buarque de Holanda, em liames com Estudos culturais, não é algo fácil - principalmente para este autor,

¹ Pós-Doutor em Educação pela Universidade de Coimbra. Doutor m ciências da Religião pela PUC-Goiás. Professor Permanente dos Programas: PPG-Edu (FACMAIS), PPG-Edu (UEMS) e MPIES (UNEB). E-mail: maximo@unifimes.edu.br

² Pós-Doutora em Educação pela ESEC - Portugal. Doutora em Ciências da Religião. Professora Titular na Unifimes- Goiás. E-mail: maura@unifimes.edu.br

³ Mestre em Ensino pela UNIVATES. Coordenador local do PARFOR/UFOPA. Membro do Grupo de Pesquisa - NEPEM. E-mail: fabianohector@hotmail.com

⁴ Mestre em Ensino pela UNIVATES. Bibliotecário-Documentalista da Universidade Federal do Oeste do Pará - UFOPA. E-mail: ronnecastro@hotmail.com;

⁵ Doutora em Didática pela Universidade de Aveiro - Portugal. Coordenadora e Professora Adjunta da Escola Superior de Educação de Coimbra -ESEC. E-mail: filomena.tx@gmail.com;

⁶ Doutora em Educação pela UNB. Professora da SEEDF. E-mail: profa.claudiadenis@gmail.com.

novato nessa área, arraigado de hábitos de outras teorias que nem sempre olham na mesma direção dos Estudos Culturais.

Nesse ciclo de passagem em que me encontro, guardo na gaveta da consciência discursos e conhecimentos das teorias críticas, buscando, quando e se possível, interfaciá-los com as teorias pós-críticas e - nesse universo-, com os estudos culturais.

Romper paradigmas é difícil, incorporar novos conhecimentos às vezes assusta. Nesse clima de dilemas entre o velho e o novo resolvi cantar.

Da Marisa Monte, cantei “*Depois*”¹ - uma canção que fala de rompimento, separação, desenganos(...). A canção me situou no momento que estou vivendo e me ajudou a compreender o processo de passagem em que transito. A linguagem é uma das formas de discurso mais utilizadas e presentes na sociedade contemporânea. Tomando a música como um exemplo, percebe-se que, por meio dela, várias representações se materializam e relações de poder ganham forma.

Agora que vocês, leitores, já sabem o meu lugar de fala, venham comigo! Vamos iniciar nosso diálogo, nossa reflexão sobre a música “Geni e o Zepelim”, de Chico Buarque de Holanda.

Já pararam para pensar de que forma você utiliza a linguagem para representar o mundo? Não!? Para demonstrar a estrutura dessa indagação Hall (1997) aborda a distinção de três teorias: a reflexiva, a intencional e a construcionista para nos mostrar como a ideia do que chamamos de *representação* se vincula à linguagem e conseqüentemente à cultura, e a importância da representação no campo dos estudos culturais. Observe, a partir das relações corriqueiras do dia a dia e do contexto social como a linguagem, seus signos e imagens adornam os discursos nas relações pessoais, que por sua vez apresentam-se densas e carregadas e poder. O poder visto a partir das concepções de Foucault (2006, p.53) denota “alguma coisa que opera através do discurso”. Nas entrelinhas, o teórico conclui que o discurso é um elemento imprescindível para a prática de poder.

Representação, discurso, poder o que afinal tudo isso quer dizer? Essa deve ser sua indagação neste momento, não é? “Representação significa usar a linguagem para dizer algo significativo sobre, ou para representar o mundo, significativamente, para outras pessoas”[...], “é uma parte essencial do processo pelo qual o sentido é produzido e trocado entre membros de uma cultura” (HALL, 1997, p.15). Na obra “O espetáculo do outro”, Hall (1997) fala da forma

¹ Depois – música dos compositores: Antônio Carlos Santos de Freitas / Arnaldo Augusto Nora Antunes Filho / Marisa de Azevedo Monte, lançada por essa última no álbum “O que você quer saber de verdade” em 2011.

como representamos o outro, da fascinação que muitas vezes temos em representar esse sujeito que marcamos com a sentença da diferença e com a vestimenta dos estereótipos. Como exemplo, citamos as duas faces de Geni (sagrada e profana) contidas na canção analisada neste artigo. Geni sagrada, cujos discursos a ela dirigidos diziam: “ - você pode nos salvar” ou “ - Você vai nos redimir” ressaltando suas qualidades positivas: “Ela é um poço de bondade”.

Já a Geni profana estereotipada pelos discursos preconceituosos de uma sociedade hipócrita que diz: “Ela dá pra qualquer um – Maldita Geni”, “Ela é feita para apanhar”, “Ela é boa de cuspir”... e julgada com toda uma carga de violência e simbolismo por essa mesma sociedade, que não respeita e não sabe (con)viver com a diferença e que, se vangloriando do espetáculo do outro grita: “Joga pedra na Geni”, “Joga bosta na Geni” e eu, assim como todos os estudiosos ligados aos estudos culturais retrucamos: **NÃO JOGA!!!** Reafirmando o que diz Derrida (1981) “a diferença nunca pode ser totalmente capturada dentro de um sistema binário algum” (HALL, 1997, p. 42).

Contextualizando

“Geni e o Zepelim” é uma canção feita pelo poeta e compositor brasileiro Francisco Buarque de Holanda, (inter) nacionalmente conhecido como Chico Buarque, um dos grandes nomes da música popular brasileira na contemporaneidade. Suas canções são marcadas por uma forte dosagem de reflexão social, política e cultural. Cantando, Chico Buarque fala dos problemas sociais do Brasil e nos convida à reflexão. Por isso, é um autor que incomoda tanto o sistema – o status quo dominante, e cujas ideias são interessantes fontes de diálogos na lupa teórica dos estudos culturais.

Na sociedade brasileira, fala-se muito em cultura. Quando propus Chico Buarque para dialogar sobre a cultura, pensei nesta como um elemento indispensável aos estudos culturais e em Chico como um crítico contemporâneo da cultura nacional. Aprendemos que a cultura nacional corrobora a construção de sentidos sobre a nação e nos ajuda no processo de identificação e construção de identidades. Para (HALL, 1997-b, p. 50)

As culturas nacionais são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações. Uma cultura nacional é um discurso – um modelo de construir sentido de influência e organizar tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos” e consequentemente dos outros.

Hall (1997)², apresenta os seres humanos como sendo “interpretativos e instituidores de sentido” e, indo mais adiante, coloca que “a ação social é significativa tanto para aqueles que a praticam, quanto para os que observam” (...).

No caso de Geni, essa ação social colaborou para “codificar, organizar e regular sua conduta em relação aos outros” (idem). Criou-se um sistema de códigos e significados a partir das ações alheias, ou seja, a partir das ações de Geni, e tratamos isso, de forma natural e cultural. No entanto, a naturalização dessas ações, “expressam significados que, neste sentido, são práticas de significação” (HALL, 1997) e, por que não dizer? de representações.

Dialogando sobre os discursos e as representações na canção

Nesse novo contexto social, vivenciamos a cada dia a inserção de novos signos. A modernidade sustentada nos ritmos das desigualdades e embalada no desenvolvimento econômico e social, gera um circuito, marcado pelo crescimento e avanço de três importantes signos: tecnologia, acúmulo de capital e miséria generalizada. No entanto, não podemos confundir modernidade com os signos que são gerados a partir dela. Nesta seção falo sobre os signos e as representações explícitos na canção, vistos a partir dos seguintes aspectos: *Discurso* (com seu tom de exclusão, passividade e manipulação, perpassando toda a canção) e do *corpo* (e as imagens oriundas a partir dele e seu impacto na coletividade). E por esses dois universos, vamos tentar olhar as ações das *classes* e *instituições sociais* (e da clássica relação de poder e saber existente entre elas).

O discurso para além de um conjunto de signos e significados, aparece na canção às vezes oculto, outras vezes “dissimulado, cheio de reais intenções, conteúdos e representações” (FISCHER, 2001, p. 198). Olhando os discursos que emergem da canção, remeto-me a uma relação de exclusão, passividade, manipulação, o poder de uma classe sobre a outra, etc. Remeto-me, ainda, a um discurso com um tom de ironia a respeito do social, com um tom de quem sabe o que está a criticar.

Para Foucault (1997) o sujeito, “não é acabado e não tem uma essência: ele é constantemente produzido/criado/constituído pelos discursos”. A partir dessa perspectiva e da premissa do discurso, analiso Geni:

² Na obra - A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. 1997, p.1

<p>Discurso de Exclusão</p>	<p>SIGNOS/REPRESENTAÇÕES Julgamento – Preconceito – Falta de ação – Indiferença – Persuasão – Oscilação</p>
<p>“Ela dá pra qualquer um, Maldita Geni” [Julgamento]</p>	<p>Nos conceitos foucaultianos o binômio exclusão-inclusão, se justifica e é explicado na relação poder e saber e nas relações de forças geradas por eles. No caso da canção de Geni, a exclusão se dá entre classes sociais (dominante e dominada) e entre as pessoas pertencentes a essas classes.</p> <p>O termo “dá”, na canção de Chico Buarque, construiu no imaginário coletivo, uma imagem de Geni, como uma profissional do sexo (travesti, prostituta, etc.). A prostituição, desde a antiguidade, nunca foi bem vista pela sociedade, e, sempre foi elemento de exclusão. Para Foucault (1999) o sexo era visto como algo imoral, portanto as pessoas tinham vergonha de falar e assumir seus posicionamentos sexuais. No caso de Geni, olhando a partir da lupa do contexto social ao qual estava inserida, o sexo a colocava no patamar de pecadora. Portanto, alvo perfeito para os discursos de exclusão. Geni representa milhares de pessoas que foram julgadas e condenadas pelo olhar social, devido à sua orientação sexual.</p>
<p>“Mas não pode ser Geni” [Preconceito]</p>	<p>Geni já havia sido julgada e condenada pelo discurso social. Os estereótipos construídos em torno dela eram os piores possíveis. Ela não poderia ocupar nenhuma posição a não ser a que a voz da sociedade já havia gritado e traçado para ela. Representação de Geni como sujeito (in) visível a depender dos interesses sociais. <u>Outdoor de preconceitos. Estigmatizada.</u></p>
<p>Discurso de Passividade</p>	<p>Ao analisar os discursos das classes minoritárias à luz da sociologia, da antropologia e algumas outras ciências, nos deparamos com a passividade do sujeito, visto como objeto, muitas das vezes acuado pela cultura. Os Estudos Culturais, vêm como “uma reação à cultura elitista da concepção de cultura. Enfaticamente, seus representantes defendem que no seio da classe popular não há somente mau gosto, passividade, submissão e assimilação, mas também resistência e produção” (NEIRA e NUNES, 2011, p.673).</p>
<p>“Ela é feita pra apanhar” [Falta de ação Falta de resistência] Objetivação do sujeito</p>	<p>O discurso suscita a velha, porém atual discussão sobre a violência contra a mulher. Como um dos fatores normatizadores dessa violência, podemos citar a classe social da vítima. A falta de ação – pública e às vezes o silêncio das vítimas, contribuem para a cultura da violência contra a mulher. As representações que retiro da canção de Geni - da mulher vulnerável, profissional do sexo (sujeito pré-disposto à violência), o deslocamento do conceito de identidade da mulher vítima. A Lei Maria da Penha (Lei nº 11.324/2006) é sinal de um grande avanço no combate a casos de violência doméstica. Pena que, na época e no contexto social de Geni, ainda não existia. A não existência de Leis específicas para essa finalidade, normatiza e regulamenta a violência como algo natural e cultural, tal como no contexto de Geni.</p>
<p>“Entregou-se a tal amante Como quem dá-se ao carrasco” [Indiferença] Conformismo?</p>	<p>A representação da indiferença é uma marca social que colabora para a construção de identidade de sujeitos rasurados que vão se construindo a partir do – “estado de tranquilidade vivenciado em situação de desprendimento” – (DICIO, 2020, s/p). Sujeitos, obrigados a normatizar situações de sofrimento. Para eles, o caos social ao qual estão inseridos os tornaram (in) diferentes aos olhares sociais e, independentemente do que fizerem, isso não vai mudar.</p>
<p>Discurso de Manipulação</p>	<p>Ao analisar a canção, vi que ela estava impregnada de discursos. A voz que ecoa do compositor está marcada de temas que são caros/raros/precisos às ciências sociais. No entanto, silenciados pelas relações de poderes e pelos discursos de manipulação que ecoam das vozes dos sujeitos, das classes e instituições sociais, como força motriz.</p>
<p>“Vai com ele, vai Geni/Vai com ele, vai Geni” [Persuasão]</p>	<p>O trecho da canção demonstra a persuasão, materializada nos discursos de um grupo social que busca se beneficiar com a ação caridosa de Geni. Esse grupo</p>

	social, pinta a protagonista da canção de Chico Buarque, como heroína, iniciando assim a representação de uma Gení Sagrada. Heroica. Forte.
“Você pode nos salvar Você vai nos redimir”. [Oscilação]	A Gení salvífica – vista como sagrada é um discurso de verdade? Para Foucault (1999, p.20) “o discurso verdadeiro é aquele que a necessidade de sua forma liberta do desejo e liberta do poder, não pode reconhecer a vontade de verdade, essa que se impõe a nós há bastante tempo, é tal que a verdade que ela quer não pode deixar de mascarar-la”. É um discurso que interfere e, às vezes, a bem próprio, conduz uma pessoa a oscilar seu pensamento e realizar uma ação.

Fonte: O autor

O Corpo é o segundo aspecto balizador para nossa análise da obra de Chico Buarque. Olhando Gení, não apenas como “um fenômeno puramente biológico” (...), mas sobretudo considerando a forma como o corpo era visto “(...) a-histórico ou fixo, pré-determinado na herança genética e/ou histórica (...) sem relação com o meio onde vive e as maneiras como se vive” (SOUZA, 2001, p. 4), vejo em Geni, um corpo histórico, fruto de uma construção social/cultural, repleto de significados que vão desde a ideia de fragilidade/dependência/Invisibilidade (como vista na canção), a símbolo de luta de grandes bandeiras e movimentos (como exemplo do movimento feminista, LGBT e outros).

Seja lida ou cantada, a canção Geni remete a Foucault (1926-1984) e à sua obra “Corpos dóceis”, isto é, corpos “disciplinados e fabricados à submissão, sujeição”, “obedientes” e “bonzinhos”, prontos a servirem e serem politicamente manipulados. Para Foucault (2010) a manipulação converge para “força”, para o “poder” e dá lugar à dominação que, por sua vez, atribui obrigações e direitos. Cruzando as concepções de Hall (1997) na obra “O espetáculo do Outro” com as minhas ao fazer essa análise, diria que o Geni/corpo apresenta suas marcas de diferenças – racial, social, de gênero, etc. É um corpo, que ocupa um lugar de sujeito que contrasta com o social, um corpo sem voz e expressão social naquele contexto, mas que, mesmo vivendo de sussurros baixinhos aos pés de alguns ouvidos – incomoda, promove uma discussão social. Talvez, por ser puramente visto pelo sexo ou pela libido que ele produz, o corpo/Geni é lido – rascunhado, borrado e rasgado como um simples texto. Um corpo, como diz Hall (1997), visto como ponto de concentração de “estratégias representacionais”, onde se constroem estereótipos e os utilizam como ferramentas de poder e de subordinação.

Sigamos com a canção e nela, a materialização dos corpos a partir das representações de Geni.

Exclusão	SIGNOS/REPRESENTAÇÕES Contratos social. Questão de gênero. Fragilidade. Inércia. Ironia. Poder
----------	---

	Para compreender a exclusão de Geni/corpo na canção de Chico Buarque de Holanda, foi possível compreender a máxima foucaultiana de que os “corpos são produzidos nos processos de significação cultural, capturados, vigiados, disciplinados. Moldados – ‘com desvios’” (SOUZA, 2001).
“De tudo que é nego torto” [Contratos social]	Quais corpos podem ser representados com a expressão “nego torto”? Com certeza cada um olhará numa direção. Mas, num primeiro momento, adotarei a ideia que se refere às pessoas, cujo modo de vida contrastam do socialmente esperado. Também se inclui nesse contexto, aquelas que estão à margem do contexto social. É uma forma pejorativa de olhar e julgar as pessoas. A ideia do corpo/pessoa politicamente correto, visto pelos olhos do social.
“O seu corpo é dos errantes” [Questão de gênero]	Errante – aparece na canção conotando pessoas erradas (Geni na peça “Ópera do malandro” é um travesti) que estão fora de um padrão social. Junta-se a essa, a ideia de corpos errantes/errados/defeituosos, a exemplo dos cegos, dos retirantes, dos pobres, dos travestis. Um corpo errante à luz do preconceito ou de quem se dele utiliza, pode ser um homem, num corpo de mulher ou uma mulher no corpo de homem.
Ela, donzela, namorada, rainha, menina, na, feita, boa, maldita, “aquela formosa dama”, “essa dama”, coitada, singela, dela, bendita [feminismo de Gení]	Geni, mulher por opção. Mesmo as concepções sociais dizendo o contrário, Geni é a todo tempo anunciada no feminino. Mesmo, quando as conotações não sejam tão boas, como: puta, mulher de vida fácil, mulher rodada, etc. Independentemente da forma sagrada ou profana, que olharmos para Geni, seu feminismo ali estará.
Passividade	A passividade do corpo de Geni, às vezes se expressa em sua condição de (in) submissão. Submissão porque vários fatores e contextos, entre eles econômicos, sociais e de orientação sexual. A passividade de Geni, mesmo na insubmissão está ligada ao seu posicionamento diante da pressão social, que faz com que ela recue dos seus objetivos e desejos, e os atenda.
“Co'os velhinhos sem saúde” [Fragilidade] Aqui eu entendo que ela se entrega a velhos, que não podem mais sair, doentes, mas que ainda sentem desejo sexual pouco provável de ser realizado.	A canção de Geni, é uma canção totalmente inclusiva, anteriormente já falou dos tortos (que poderia também ser uma representação dos deficientes), assim como os cegos, agora fala do corpo envelhecido, debilitado, sem saúde. Geni aparece como espécie de cuidadora de corpos dóceis/frágeis (detentos, crianças /moleques, velhinhos e viúvas).
“Tão coitada e tão singela” [Inércia]	A expressão ao lado, retrata uma Geni, coitada e singela aos olhos sociais, simplesmente pela sua falta de reação e mobilidade, sua inércia frente às imposições vividas. Geni totalmente envolvida (no sentido de usada) e amarrada (presa) na estagnação política e social do seu contexto.
Manipulação	A manipulação do corpo em Geni, acontece em vários momentos, geralmente guiada pelos discursos, principalmente quando esses se posicionam a favor dela – quando tratada como santa, redentora, salvadora
“Acontece que a donzela e isso era segredo dela/ Também tinha seus caprichos/ E a deitar com homem tão nobre/ Tão cheirando a brilho e a cobre/ Preferia amar com os bichos” [Ironia] Desprezo pelas elites	Nessa parte da canção Chico Buarque escancara a ironia. Olhando Geni e sua trajetória na canção, uma profissional do sexo, julgada e condenada socialmente em boa parte da canção, Chico Buarque ironiza ao associar o dispositivo da sexualidade à libertação. Ou seja: aproximar corpos tão dispares, que nos discursos sociais remetem-se à relação de ódio, tornar íntimos corpo sujo e impuro pobre (como socialmente era visto o de Geni) com corpo puro, eleito, salvo rico (como no contexto se comportavam os corpos da elite/nobreza) é, portanto, IRÔNICO. A ação de Geni, de num primeiro momento recursar-se a “se deitar com homem tão nobre” está no reconhecer da ironia e da manipulação do pensamento, vindo de um grupo social (dominante). Ao aceitar deitar com homem tão nobre, Geni não fraquejou nos seus propósitos. Devolveu ao sistema, a mesma ironia que ele lhe dera. E ao ironizar o sistema social, Geni valida a máxima de Foucault (2009, p. 174) “ (...) é preciso acreditarmos que nisso está nossa salvação”.
“O prefeito de joelhos O bispo de olhos vermelhos E o banqueiro com um milhão” [Poder]	A política, a religião e a elite, ao longo de uma boa parte da história do Brasil caminharão lado a lado. Agem de forma a atender seus próprios interesses. São corpos com alto poder de manipulação, pois falam em nome de instituições. Sobre o discurso de manipulação desses corpos, Marinho (2008, p. 21) diz: “(...) tem a intenção de manter o status quo, pois é a única maneira que uma determinada parcela da sociedade tem para continuar vivendo em cima (...) (da massa oprimida), (...)sem que a massa oprimida se revolte”.

Fonte: O autor

Nos quadros acima analisamos a canção Geni. A tentativa foi mostrar as relações de força e poder que perpassam as classes sociais e relações de gênero, trazendo como eixos centrais o *discurso* e o *corpo* para conduzir a questão reflexiva. Deles alguns signos/representações foram evidenciados, tais como: No discurso – julgamento, preconceito, falta de ação, falta de resistência, indiferença, persuasão e oscilação. No corpo – Questões de gênero, sexualidade, contrato social, fragilidade, inércia, ironia e poder. O que fixa como motivador é a coragem do autor - Chico Buarque de Holanda - que, num contexto marcado pela repressão, fez ecoar a sua voz e nela, o discurso de resistência contra o preconceito, a hipocrisia social, a política suja e descomprometida com o social, com a valorização do indivíduo, com a vida.

À guisa de conclusão

Analisar a personagem Geni, criada por Chico Buarque de Holanda, não seria tarefa fácil. Tal personagem, presente na peça “Ópera do Malandro” especificamente na canção “Geni e o Zepelim” é um campo de análise social dos mais profícuos. É uma canção emblemática, pois abre discussões para várias vertentes sociais. Quem lê ou escuta Geni com olhar reflexivo, percebe que é uma canção extremamente atual, ou melhor dizendo, traz as mesmas problemáticas sociais que vivenciamos hoje. Política, religiosidade, gênero, identidade, representações são temas sociais que a canção agrega com forte teor para o discurso. No entanto, é importante frisar que cada pessoa ou cada área do conhecimento que analisa a personagem Geni, o faz de acordo com as “suas verdades e com suas miopias”, como bem afirma o poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade. Assim também eu fiz. Tenho certeza que muitos outros signos e representações, poderiam ter sido explorados na canção de Geni, e que as “verdades” suscitadas por mim, não conseguirão convencer a todos, o que é um ponto positivo, já que sinaliza que tal canção ainda não foi totalmente explorada.

Referências

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Foucault e a análise do discurso em educação**. Cadernos de Pesquisa, n. 114, novembro/ 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/n114/a09n114.pdf>. Acesso em: 18, mar 2020.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. 5ª ed. São Paulo: Loyola, 1999.

_____. **Do Governo dos Vivos**. Trad., transc. e notas Nildo Avelino. 2º ed. Rio de Janeiro: Achiamé, 2010.

_____. **Estratégia, Poder Saber**. 2ª ed, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

_____. **História da Sexualidade: A Vontade de Saber**. Org. e trad. Roberto, Machado. 19. ed. São Paulo: Graal, 2009.

_____. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Trad., Raquel Ramallete, 16 ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

HALL, Stuart (Ed). **Representation. Cultural Representations and Signifying Practices**. London/Thousand Oaks/ New Delhi: Sage, 1997. (Ler a Introdução e o Cap. 1 em traduções provisórias disponibilizadas).

_____. **A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções de nosso tempo**. Educação & amp; Realidade. Porto Alegre, v.22, nº 2, jul./dez. 1997.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz T. da Silva e Guacira L. Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 1997b.

_____. **The spectacle of “other”**. In: _____. (Org.). **Representation: cultural representations and signifying practices**. London: Thousand Oaks/New Delhi: Sage/Open University; 1997. p. 225-290. (Tradução provisória disponibilizada).

INDIFERENCIA. In.: Dicio, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2020. Disponível em <https://www.dicio.com.br/>. Acessado em 18, mar de 2020.

MARINHO, Ernandes Reis. **As relações de poder segundo Michel Foucault**. E-Revista Facitec, v.2, nº 2, Art. 2. Dezembro 2008. Disponível em: <http://periodicos.estacio.br/index.php/e-revistafacitec/issue/archive>. Acesso em 15 março 2020.

NEIRA, Marcos Garcia.; NUNES, Mário Luiz Ferrari. **Contribuições dos estudos culturais para o currículo da educação física**. Rev. Bras. Ciênc. Esporte, Florianópolis, v. 33, n. 3, p. 671-685, jul./set. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbce/v33n3/a10v33n3.pdf>. Acesso em 18, mar 2020

SOUZA, Nadia Geisa Silveira de. **Que corpo é esse? O corpo na família, mídia, escola, saúde...** Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Bioquímica da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2001. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/1817/000308959.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 20, mar 2020.

WHITE, L. A.; DILLINGHAM, B. **O conceito de cultura**. Rio de Janeiro : Contraponto, 2009

Como citar este artigo (Formato ABNT):

PURIFICAÇÃO, Marcelo Máximo; CATARINO, Elisângela Maura; MULLER, Fabiano Hector Lira; GONÇALVES, Ronne Clayton de Castro; TEIXEIRA, Maria Filomena Rodrigues; PAZ, Cláudia Denis Alves da. Nem Sagrada, Nem Profana – Simplesmente Geni: Representações culturais no canto de Chique Buarque de Holanda. **Id on Line Rev.Mult. Psic.**, Maio/2020, vol.14, n.50, p. 380-388. ISSN: 1981-1179.

Recebido: 06/04/2020; Aceito: 11/04/2020